

***** Capítulo 1 *****

À noite, quando está claro, não nos sentimos atraídos a olhar para o céu noturno e nos maravilharmos com as constelações de estrelas? No dia de Natal, e ainda estamos no Tempo de Natal, no Evangelho de São João, lemos como o Filho Eterno, o Verbo, *“estava no princípio com Deus; todas as coisas foram feitas por intermédio dele”*, portanto, ao olharmos para os céus, devemos reconhecer a mão do Criador trabalhando em Sua criação.

Os reis sábios (ou reis magos) estavam abertos à possibilidade de que Deus poderia e iria Se revelar na criação. Para que a sabedoria seja recebida, o receptor deve estar aberto à VERDADE que transcende o que é apenas empírico, pois para isso fomos feitos. Deve haver uma genuína mudança para o Que ou Quem é maior do que nós mesmos, para o mistério eterno. Esse é um movimento da mente e do coração, está profundamente conectado a estímulos religiosos e é verdadeiramente humano. Os reis sábios não pertenciam à fé de Israel, mas, como buscadores da Verdade, deviam estar cientes das profecias sobre o governante do mundo que viria da Casa de Judá.

Essa convicção teria sido ainda mais fortalecida pelo histórico profeta pagão Balaão, em Números, que, sendo incapaz de amaldiçoar Israel, conforme solicitado pelo rei Balaque de Moabe, de fato abençoou Israel e proferiu a seguinte profecia: *“Eu o vejo, mas agora; eu o contemplo, mas não de perto; uma estrela sairá de Jacó e um cetro se levantará de Israel”*. Embora a estrela que conduziu os reis sábios a Jerusalém tenha sido interpretada por alguns como tendo um significado exclusivamente teológico - já que as palavras *“ia adiante, e parou sobre o lugar onde estava o menino”* podem ser vistas sob uma luz poética - a astronomia oriental Babilônica era uma ciência altamente desenvolvida; e também em nossos dias, propõe-se que, na época do nascimento de Jesus Cristo, houve uma conjunção nos céus dos planetas Júpiter e Saturno, sendo Saturno, para os Babilônios, o representante cósmico do povo judeu. Jesus, o Filho eterno, está procurando esses reis sábios por meio de suas ciências Babilônicas, por meio do conhecimento que tinham de Sua criação, para levá-los à salvação.

Jesus, Rei do cosmos, desde Seu nascimento em uma manjedoura, chama todos os povos a Ele. A estrela é uma luz que guia as almas abertas para a Verdade. Ela anuncia a Epifania de Deus, brilhando em uma manjedoura para todas as nações. A leitura de Isaías vem do final do livro. Nela descobrimos como, no final dos tempos, todas as nações que buscarem a salvação do Senhor poderão morar na Jerusalém celestial. Essa profecia é revelada no nascimento de Jesus, que é o Filho nascido para nós. Em Isaías, também há referências à luz transformadora; a presença de camelos, ouro e incenso nos faz lembrar dos reis sábios descritos por São Mateus. A leitura de Efésios enfatiza que, em Cristo, a graça foi estendida a todas as nações que O aceitarem. Isso é constantemente mencionado no Antigo Testamento, mas a forma como isso aconteceria era desconhecida até a Epifania, o nascimento de Jesus Cristo, o “Rei dos Judeus”, como os reis sábios não-judeus o chamavam.

Voltemos aos reis sábios. Estes homens estavam abertos a Deus; seus corações e mentes estavam sedentos pela Verdade. Será que estamos vivendo com essa mesma sede pela Verdade, por Deus? Quais são as distrações que devemos abandonar? E quando eles discerniram o chamado de Deus, apressaram-se, lembrando Nossa Senhora se apressando para visitar Isabel. Será que ordenamos nossas vidas com santa pressa para a Luz de Jesus, ou há algo mais importante do que Seu amor, Sua salvação? E quando os três reis magos encontram resistência na presença do rei Herodes e de Jerusalém, eles mesmos não se perturbam, mas perseveram em sua peregrinação. Será que perseveramos com força quando somos testados? Será que continuamos nossa peregrinação mesmo com chuva, vento e fome? Eles apresentam ao Menino Jesus o que têm de melhor, não apenas em sua dedicação, mas também em suas ofertas materiais; será que damos a Jesus as primícias de nossa vida, dedicamos a Ele tudo o que somos e temos? E depois de encontrá-Lo, eles são conduzidos por

um caminho diferente, pois Jesus muda tudo. Ouça as palavras do falecido Papa Emérito Bento XVI, *“Passamos a acreditar no amor de Deus: com estas palavras o Cristão pode expressar a decisão fundamental de sua vida. Ser Cristão não é o resultado de uma escolha ética ou de uma ideia elevada, mas o encontro com um evento, uma pessoa, que dá à vida um novo horizonte e uma direção decisiva”*.

Os reis sábios tomam uma nova direção decisiva. Como Cristãos, nossa vida deve sempre tomar uma nova direção decisiva, pois a Luz do mundo é incrivelmente nova. Ou será que ficamos muito entorpecidos, muito entupidos com o discurso autorreferencial implacável de nossos tempos, para sequer olhar para a estrela? Vamos abandonar o que nos prende e deixá-lo lá, e estender a mão para a estrela, para as mãos de Jesus ressuscitado, e não largar. Ó Cristão, olhe para a LUZ!

***** Capítulo 2 *****

SER CRISTÃO É HERÓICO, NÃO NECESSARIAMENTE AGRADÁVEL.

A leitura de Isaías e o Evangelho é focada no semeador e nas sementes que são lançadas. Por um lado, tudo isso pode parecer muito simples para nós: a semente é plantada e cresce, com a ajuda do calor do sol, dos nutrientes da terra e da água. Poderíamos ver isso como uma metáfora da vida espiritual: a semente da Palavra é semeada em nossos corações, mentes e corpos e, com a ajuda da GRAÇA - luz divina e água do céu - tornamo-nos santos.

Mas quão triste e enganosamente inadequado é esse entendimento: na realidade, essa metáfora seria profundamente anticristã. A vida não é uma vida “bela”, ela é na verdade HERÓICA; purificadora; sublime; santa; sacrificial. Alguns aspectos da vida cristã parecem realmente doces e agradáveis: pense em crianças pequenas fazendo a primeira comunhão ou em um bebê recém-batizado envolto em tecido branco. No entanto, esses aspectos externos comoventes apontam para um fogo interno de amor sacrificial e sofrimento, cuja vida ressuscitada é capaz de dismantelar vitoriosamente o pecado e a morte. E nós, cada um de nós, somos chamados a entrar nessa vida.

Veja estas linhas de São João: *“E Jesus respondeu-lhes: Chegou a hora de o Filho do Homem ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; se, pelo contrário, morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida, perde-a; quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna”* (Jo 12:23-25). Estas palavras também são dirigidas a cada um de nós. Então, essa semente, a palavra de DEUS, que é costurada em nossa alma, é o caminho, a porta estreita (Mt 7,13-14) pela qual os corações passam - e isso é totalmente concreto, uma transformação física (pense em como a graça de Jesus tocou fisicamente os corações dos santos Teresa de Jesus e Filipe Néri) - eles podem exclamar como São Paulo: *“Penso que o que sofremos nesta vida nunca pode ser comparado à glória, ainda não revelada, que nos espera”* (Rm 8,18).

A semente semeada em nosso coração é a vida ressuscitada do Senhor Jesus Cristo, que sofreu, morreu e ressuscitou para a vida eterna. Ela traz um esplendor que não é deste mundo (Jo 18,36) e, de fato, rompe todo falso apego a este mundo. Precisamos de Sua Luz, para que Ele possa aumentar ainda mais Seu amor em nós.

ENTÃO, COMO IREMOS CORRESPONDER E ASSIM VIVER?

***** Capítulo 3 *****

A Oração Coleta para a Sagrada Família fala do *“exemplo luminoso da Sagrada Família, para que possamos imitá-la nas virtudes da vida familiar e nos laços da caridade”*. Nesta Missa, vamos explorar o exemplo brilhante da Sagrada Família nas Escrituras para que possamos aprender algo sobre seus bons hábitos e virtudes e os praticar também em nossas próprias famílias.

O Evangelho de hoje é o da Apresentação. Este momento na vida da Sagrada Família acontece quando Jesus tem apenas quarenta dias de vida. Portanto, neste momento, a vida da Sagrada Família está sendo contada especificamente do ponto de vista dos pais. É a fé de Maria e José que está brilhando intensamente. Maria e José vão ao Templo para cumprir os costumes relativos à impureza ritual após o nascimento, observando o que era seguido por todos os judeus piedosos. Maria e José, apesar de saberem que Jesus nasceu do Espírito Santo, de terem recebido pastores e reis junto à manjedoura, não demonstram nenhum falso orgulho; não há absolutamente nenhum sentido em serem tratados de forma diferente. Jesus, o Filho de Deus, será criado em um lar que é totalmente fiel às práticas da fé judaica, em que a obediência pura e exemplar é o modo de vida.

As duas aves revelam que eles eram bastante pobres, pois essa oferta foi sugerida para aqueles que não podiam comprar um cordeiro. José e Maria colocam a prática de sua fé acima de qualquer preocupação sobre como os outros poderiam julgá-los. Sua verdadeira riqueza, o tesouro no céu, é revelada pela fé que se manifesta em suas obras. Começamos a ver algo das virtudes que Deus gostaria de ver em todas as famílias: a virtude de uma fé vivida como prioridade na vida familiar, essa é a família que o Pai escolheu para Seu Filho, Jesus.

A primeira leitura de Gênesis novamente tem como foco principal os pais. O crescimento na fé de Abrão e Sarai é uma jornada desafiadora. Você se lembra de como, em determinado momento, Abrão e Sarai duvidaram do poder do Senhor para trazer o herdeiro prometido. Isso levou a uma profunda animosidade entre Sarai e Agar, a serva que se tornou a mãe substituta do filho de Abrão, Ismael, pois Abrão e Sarai achavam que precisariam ajudar o Senhor, garantindo um herdeiro por meio de seus próprios planos. Esse ato presuntivo resultaria na aliança da circuncisão, para lembrar perpetuamente Abraão e Israel dos perigos de não confiar nas promessas de Deus, e purificaria ainda mais a fé de Abrão e Sarai no poder absoluto do Senhor para realizar Seus próprios desígnios, no tempo e na maneira Dele.

A segunda leitura, Hebreus, continua com a história de Abrão e Sarai, e como, apesar da surpresa deles com a promessa de um herdeiro quando ambos já estavam tão avançados em idade, o Senhor abençoa Sara com a concepção de Isaque. A fé desses homens, a essa altura, já havia sido moldada e purificada. O Senhor então revela que exige o sacrifício de Isaque, o tão esperado, único filho e herdeiro de Abraão e Sara. Abraão, a essa altura, conhece e ama o Senhor com todas as fibras do seu ser. A fé que ele tinha no Senhor vê, tão claro como o dia, que se o Senhor ordena algo que ele, Abraão, não entende, ainda assim o Senhor fará valer Sua perfeita e grande Vontade, para a glória de Seu Santo Nome. As palavras do Salmo expressam amplamente algo da fé invencível e da disposição para o sacrifício que deve ter subido à mente e ao coração de Abraão: *“orgulhem-se do seu santo nome, regozijem-se os corações que buscam ao Senhor”*.

Também vemos em Hebreus que Isaque, o filho tão esperado, não se revolta contra a vontade de seu pai. Aqui vemos algo da fé que deve ter permeado toda a família de Abraão e Sara. Isaque não era um bebê, mas um jovem, quando carregou a lenha até o Monte Moriá e se deitou no altar do sacrifício. Nunca se esqueça de que os estudos revelaram que o Monte Moriá é o local onde Jerusalém floresceria mais tarde e que, cerca de 1800 anos depois, outro Filho, o sacrifício perfeito, carregaria a lenha sobre a qual Ele seria sacrificado para a salvação de todos os pecados.

As leituras que nos são oferecidas nesta Festa da Sagrada Família têm um foco profundo e penetrante no papel da fé dos pais na vida de uma família. Abraão e Sara foram gradualmente preparados na fé e no sacrifício para o nascimento de Isaque, que prefigura o sacrifício de Jesus. José e Maria são a personificação da humilde obediência ao Senhor na fé, que também envolverá grande sacrifício. Esse é o lar da família que o Pai Todo-Poderoso escolheu para o Bebê Jesus. Que nós, pais, espirituais e biológicos, estejamos abertos às nossas próprias conversões e purificações necessárias, de modo a revelar, por meio de nossa fé e sacrifícios, a imutável e verdadeira sabedoria de Deus. Que nossas famílias brilhem com fé santa e virtude sacrificial.

***** Capítulo 4 *****

Com a Ressurreição de Jesus, tudo é novo. Com a Ressurreição de Jesus, o sofrimento e a morte foram superados. Nós, seres humanos, pensemos nisto, fomos criados especificamente para entrar nesse relacionamento luminoso e brilhante com o Filho do Homem ressuscitado.

A cada momento, estamos escolhendo determinadas metas, há um propósito em cada decisão nossa. O Senhor quer que consideremos Sua presença em todos os momentos, que O sigamos. O Salmo canta: *“Senhor, faze-me conhecer os teus caminhos. Senhor, ensina-me as tuas veredas. Faze-me andar na tua verdade e ensina-me, pois tu és Deus, meu Salvador”*. Somos criaturas únicas, pessoas humanas, cuja profundidade da alma é feita *para*, é criada *para* a luz insondável, a luz do Filho ressuscitado, luz que simultaneamente nos humilha, purifica e enobrece. Na oração da manhã da terça-feira da semana passada, alguns paroquianos e eu rezamos aquelas grandes palavras do Salmo 41(42), *“um abismo chama outro abismo”*. Essa frase fala do encontro entre Deus e o homem em nossas profundezas. Fomos feitos para isso, precisamos disso para viver uma vida verdadeiramente humana.

E nossas escolhas, nossas metas almejadas, formam hábitos que fortalecem ou enfraquecem nosso florescimento, a nossa alegria, à medida que crescemos em virtude ou vício. Estamos seguindo o Senhor ou não? Tenho certeza de que muitos de nós ouvimos dizer, na verdade, muitos de nós mesmos já dissemos: *“Não pude evitar”*, mas o Senhor Jesus ensina de forma muito diferente. Ele não é escravo, e está dentro de cada um de nós, em Seu Espírito, batendo, chamando, corrigindo - em nome de Seu amor vitorioso. A partir da luz do Senhor ressuscitado, o Espírito nos dá Sua liberdade vitoriosa, e devemos viver assim. *“Senhor, ensina-me os teus caminhos. Faze-me andar na tua verdade, e ensina-me, porque tu és Deus, meu Salvador”*. Quais são os pensamentos e ações que precisam ser removidos, curados, para nos tornarmos mais iluminados pelos caminhos do Senhor, para segui-Lo?

A leitura de São Paulo é direta: *“o mundo como nós o conhecemos está passando”*. Esse grande Apóstolo, que experimentou o ressuscitado Jesus que subiu aos céus glória, entende que fomos realmente feitos para essa Luz, esse Jesus ressuscitado, que nunca passará. Por isso, São Paulo anseia que o Senhor o leve a conhecer Seus caminhos, para andar em Sua verdade. São Paulo estava esperando a Segunda Vinda de Jesus em breve, daí o apelo a todos: concentrem-se no que é eterno. Como fomos feitos para a eternidade, é lá que a verdadeira alegria fluirá, e fluirá abundantemente.

O crescimento em santidade, para o qual cada um de nós é chamado, sem exceção, está enraizado no Espírito Santo, que peneira as camadas de nossa alma. Ele nos ensinará como e por que devemos entregar tudo aos caminhos do Senhor, para segui-Lo. À medida que Ele trabalha em nós, agitará áreas, áreas em que o arrependimento é necessário para o verdadeiro crescimento. São João da Cruz compara o caminho para a santidade a um tronco em uma lareira. No início, a lenha será aquecida

pelo fogo, se sentirá aconchegada, abraçada e segura. O próximo estágio é quando a lenha começa a chiar, a soltar fumaça, a crepitar, a cheirar; esse período reflete os desafios, as áreas em que o arrependimento é necessário. O estágio final é quando a lenha inteira é transformada em algo novo, algo que brilha com a intensidade e a perfeição do fogo de Deus, Seu amor eterno.

Na leitura de Jonas, somos apresentados aos homens, às mulheres, às crianças e até mesmo aos animais: toda a Nínive se arrepende e o faz com grande rapidez, pois o Senhor é eterno. São Paulo aos Coríntios também espera que eles vejam a importância imediata do eterno sobre o que passa. Jonas, porém, não estava disposto a se arrepender, a seguir o Senhor. Como você se lembra, ele se recusou a cumprir a ordem do Senhor em Nínive e quase causou o naufrágio de um barco inteiro, antes de ser engolido e se afogar no estômago de um grande peixe. Ele era um osso duro de roer! E mesmo depois de ter aceitado a vontade do Senhor, ele ainda lamentava a compaixão e a misericórdia que o Senhor tinha para com os ninivitas. Jonas queria tudo em seus termos, seguir os caminhos do Senhor não era para ele e, ainda assim, o Senhor continua a chamá-lo ao arrependimento.

São Marcos, ao nos dizer que São João Batista foi preso, revela um momento posterior, no relacionamento entre Jesus e os Apóstolos. Durante este tempo, o Espírito Santo estava realmente penetrando, abrindo, cortejando seus corações e mentes com a pura maravilha de Jesus. Agora eles o seguem imediatamente. Queridos irmãos e irmãs no luminoso Jesus Cristo ressuscitado, será que nos arrependeremos diante da menor inspiração do Espírito Santo, como os ninivitas, ou seremos tristemente teimosos como Jonas? Será que estamos crescendo como os Apóstolos em um profundo desejo de seguir o Senhor, será que estamos nos tornando aquele tronco, brilhando gradualmente com o fogo divino do Espírito? Que possamos andar em Seus caminhos, seguir Suas veredas, que o poder do Espírito Santo nos transforme em pescadores de homens.

***** Capítulo 5 *****

A importância de Moisés não pode ser subestimada. Em Êxodo 33, lemos: *“Assim se dirigia o Senhor a Moisés face a face, como um homem fala com o seu amigo”*. Isso precisa de um pouco mais de esclarecimento e, algumas linhas depois, lemos: *“vós não poderás ver a minha face, pois o homem não me poderia ver e continuar a viver”*. E o Senhor disse: *“Eis que há um lugar perto de mim onde você ficará sobre a rocha; e quando a minha glória passar, Eu o colocarei na fenda da rocha e o cobrirei com a minha mão até que Eu tenha passado; então tirarei a minha mão e você verá as minhas costas, mas a minha face não será vista”*. Vemos que, para um homem mortal, Moisés foi verdadeiramente honrado em sua intimidade com o Senhor.

Lembramos também como foi a Moisés que o Senhor revelou Sua santa presença na Sarça Ardente e que, nesse acontecimento milagroso, o Senhor, em resposta ao pedido de Moisés por um nome para levar aos Israelitas oprimidos, deu como Seu nome um nome que não é um nome, mas uma declaração de existência, uma declaração de SER. O Senhor nosso Deus declara que Ele é: *“EU SOU O QUE SOU”*. Este título para o Senhor Deus ensina que o Senhor é o único Ser eterno e necessário do qual toda a criação, todo o tempo, recebe sua existência.

Moisés também foi aquele a quem o Senhor deu os Dez Mandamentos e em cujo nome toda a Torá, os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada, foi tradicionalmente atribuída. Esses elogios revelam que Moisés foi realmente um dos líderes mais notáveis do Antigo Testamento. E ainda assim, Moisés fala de outro que virá, que falará as próprias palavras do Senhor e a quem devemos ouvir.

O fato de alguém falar as próprias palavras do Senhor, palavras que estarão na própria boca desse novo profeta, e que comandará tudo o que o Senhor ensina, refere-se a alguém que é um com o Senhor

eterno. Estamos diante de um profeta que compartilha a própria essência do Senhor Deus, que é o EU SOU O QUE EU SOU. No Evangelho de São João, Jesus profere palavras que revelam que Ele se identifica absolutamente com o EU SOU O QUE EU SOU.

Além das sete vezes em que Ele se refere a Si mesmo como “*Eu Sou*”: Eu sou o pão da vida (6:35), a luz do mundo (8:12), a porta (10:7), o bom pastor (10:11,14), a ressurreição e a vida (11:25), o caminho, a verdade e a vida (14:6) e a videira verdadeira (15:1), há uma última instância ainda mais explícita do Evangelho de São João: “*Disseram-lhe então os judeus: ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão? Jesus lhes disse: ‘Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, EU SOU’. Então eles pegaram pedras para atirar nele*”. Nesta parte, vemos como Jesus ensina explicitamente que Ele é o EU SOU O QUE EU SOU, o Senhor eterno. Os judeus, entendendo o que Jesus está insinuando, procuram matá-Lo por blasfêmia.

No Evangelho de São Marcos, Jesus havia recentemente retornado do deserto, onde foi tentado por Satanás e venceu suas artimanhas. O poder de Satanás foi, portanto, limitado por Jesus e, posteriormente, todo o exército de Satanás, seus companheiros anjos maus, sabem disso. Quando Jesus entra na sinagoga, o espírito imundo sabe muito bem que não se trata apenas de um profeta, mesmo que tão grande quanto Moisés, mas de alguém cujas palavras e ordens são absolutas. Este é aquele a quem todos devem ouvir, conforme profetizado por Moisés. Lembre-se de como, na estrada para Emaús, Jesus ensina aos discípulos inseguros que todos os profetas apontam para Ele, a começar por Moisés.

No Evangelho de São Marcos, aprendemos que Jesus ensinava com uma autoridade que era diferente da dos escribas. Para entender essa autoridade, precisamos observar a palavra Grega para autoridade no texto: é *exousian*. “*Ex*” significa “desde de” ou “vindo de”; *ousian* vem do verbo “ser”, portanto, refere-se ao próprio Ser de Jesus, o próprio EU SOU no coração de Deus. Em outras palavras, a presença de Jesus e todas as Suas palavras fluem da própria fonte do Ser, da qual o universo inteiro recebe sua existência e é sustentado. É por isso que Sua autoridade não se assemelhava a nenhuma outra.

Cada palavra que saía de Seus lábios fluía do Ser eterno do Senhor imortal, o “EU SOU O QUE SOU”. Como o Senhor pelo qual todas as coisas visíveis e invisíveis foram feitas, Jesus teria horrorizado os espíritos malignos que atuam neste mundo, pois aqui no meio deles está o Ser eterno de Deus unido à carne humana, à natureza humana, unido à criação. O mundo espiritual maligno reconhece o Senhor eterno, e nós? Estamos dispostos a ouvir, de corpo e alma, as palavras eternas do Senhor? Sua autoridade é a única concedida para realmente ensinar e salvar.

Vamos ouvi-Lo.

***** Capítulo 6 *****

O Evangelho de São Marcos enfatiza muito o fato de Jesus expulsar demônios. Jesus, no deserto, acabou com o poder de Satanás e todos os seus companheiros, os espíritos imundos, sabem exatamente quem é Jesus. Portanto, é sempre correto e justo que nós, filhos do Santo Evangelho, filhos do Cristo Vitorioso Ressuscitado, vivamos vidas de profunda adoração.

A Antífona de Entrada da missa diz: “*Vinde, adoremos a Deus e prostremo-nos diante do Deus que nos criou, pois Ele é o Senhor nosso Deus*”. Será que nós nos curvamos diante do Senhor? Será que às vezes nos esquecemos de que fomos criados para adorar o Senhor vivo?

Somos a única espécie criada para encontrar nosso verdadeiro propósito - espiritual, intelectual, emocional e físico - no Deus vivo. À medida que envelhecemos, como adultos, será que estamos nos apaixonando mais pela eterna vida da bondade de Deus? Com que frequência nos *“curvamos diante do Deus que nos criou, pois Ele é o Senhor nosso Deus”*, como canta a Antífona de Entrada? Seria uma boa forma de começar todas as manhãs assim, louvando pelo dom de cada dia.

Será que temos a tendência de colocar as muitas metas e objetos mundanos diante de nossos jovens, como se estas coisas fossem realmente lhes trazer alegria duradoura? Como ouvimos no Domingo da Palavra de Deus, na primeira carta de São Paulo aos Coríntios, *“o mundo como o conhecemos está passando”*, isso nos leva a refletir que os seres humanos são de fato chamados ao Bem Eterno, não meramente a um bem na criação; que somos chamados a conhecer, a refletir sobre a Verdade Eterna, não apenas o que é verdadeiro nas coisas. Nós, seres humanos, somos chamados à amizade íntima com o Senhor, à santidade com o Senhor. Será que nossas escolhas refletem esse belo chamado?

Um dos motivos pelos quais o Senhor é tão importante, um dos motivos pelos quais *“nos curvamos diante do Deus que nos criou”*, é o fato Dele ser o Doador e Sustentador da Vida. Na primeira leitura de Jó, somos apresentados à implacável infelicidade de Jó. Jó passou por calamidades mundanas e desistiu de acreditar que houvesse algo que valesse a pena no dom de sua vida. Ele se tornou tão centrado em si mesmo que se fechou para o Senhor eterno, o Senhor diante de quem todos nós deveríamos nos curvar.

Homens e mulheres, nós, criaturas, jamais poderemos encontrar nossa verdadeira meta, nossa verdadeira paz, se a procurarmos em nossos próprios termos. O mundo criado pelo Senhor nunca descobrirá a verdadeira paz até que abra seus endurecidos corações e mentes para a paz que flui do Senhor. Sua sabedoria, Sua reconciliação, é o único caminho para nós, Suas amadas criaturas. Devemos nos curvar diante do Senhor, como, de fato, o Senhor Jesus se curvou diante de nós na Cruz.

No final do Livro de Jó, o Senhor fala com Jó, e é lá que Jó, finalmente, cai em si, lembrando-nos do Filho Pródigo, que finalmente cai em si. Depois de sentir a presença do Senhor, Jó profere estas grandes palavras: *“Sei que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser frustrado. Por isso falei o que não entendia, coisas maravilhosas demais para mim, que eu não conhecia. Eu tinha ouvido falar de ti com os ouvidos, mas agora os meus olhos te veem; por isso me arrependo no pó e na cinza”*.

Jó realmente colocou o Senhor no centro de sua alma, de sua mente, de seu coração e de seu corpo. Jó, como na Antífona de Entrada, inclina-se e adora o Deus que nos criou. São Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, revela como a presença do Senhor o libertou de sua ânsia de capturar e perseguir os Cristãos. São Paulo realmente encontrou a importância total de se curvar diante do Deus que nos criou, pois Jesus se curvou tão baixo na Cruz e agora ressuscitou no esplendor celestial. É somente nesse Jesus que o caminho para a paz eterna surgiu, e São Paulo não pode adiar esta proclamação por um momento sequer. Será que nossos jovens veem que nós, adultos, estamos nos esforçando para viver essa verdade e alegria imutáveis com integridade e humildade? Será que nossos jovens nos veem curvando-nos diante do grande e adorável Jesus Cristo? Se não, por que não?

Jesus é o terror supremo de todos os diabos, de todos os demônios. Sua vida é alegria e vitória ressuscitadas, Ele é o curador divino para todos. O pão e o vinho que o Senhor deu para sustentar nossa vida natural tornaram-se o Sacramento da vida eterna. Será que nós, adultos, colocamos este fato como a fonte e o ponto alto de nossa vida? Será que acordamos todos os dias com a necessidade de nos curvarmos diante do Senhor nosso Deus? Nossas crianças, nossos jovens, têm a maior necessidade de ver, como Jó, quem é o Senhor. Nossa fé vivida, como adoramos o Senhor, é fundamental para nosso futuro. Aprendamos a viver vidas que se curvam, que olham com uma gratidão radiante para Aquele que nos liberta para a vida eterna.

***** Capítulo 7 *****

A determinação absoluta do leproso tocou Jesus. Não havia pessoa, nem doença que impedisse esse homem de se aproximar da única Pessoa na história do universo que poderia curar o leproso com a vontade de Sua mente, as palavras de Seus lábios e o toque de Sua mão. Será que reconhecemos nossa própria lepra? Pode não parecer lepra e mesmo assim ser ainda mais mortal por não parecer tão desagradável a olho nu.

No auge da Quaresma, enquanto nos preparamos para adotar outras maneiras de crescer em arrependimento e amor a Deus, como ler um bom livro espiritual Católico; enquanto nos preparamos para negar a nós mesmos certos alimentos e certas maneiras de passar o tempo, não percamos o foco ou sejamos medíocres em nossa resposta ao amor radiante de Deus, que sofreu tão livremente por cada um de nós na Cruz.

Ao considerarmos se estamos abordando nossa jornada de purificação e cura nesta Quaresma com a determinação adequada, consideremos o caso do leproso. Como ouvimos na Primeira Leitura de Levítico, os leprosos eram obrigados a viver fora do acampamento, sendo banidos das reuniões religiosas e sociais, que eram o centro da vida Israelita. Usar roupas rasgadas e cabelos desordenados era um sinal visível de que essa pessoa deveria ser evitada. Sua aparência tinha o objetivo de chocar e alertar a todos; os que estivessem próximos a eles deveriam gritar: “impuro, impuro”.

A gravidade da lepra (*Mycobacterium Leprae*) fez com que, ainda no século XX, homens, mulheres e crianças vivessem em colônias de leprosos até a morte. Em Molokai, uma ilha havaiana, quando uma pessoa era diagnosticada com a doença, ela era enviada para essa ilha e declarada legalmente morta pelo Estado. Ninguém tinha permissão para visitá-las. Um padre belga, São Damião de Molokai, foi até lá para ministrar aos leprosos; ele morreu da doença aos 49 anos de idade. Para ele, esses não eram leprosos indigentes, mas pessoas humanas, feitas para o amor redentor do Senhor Jesus ressuscitado, como vemos no Evangelho.

O leproso do Evangelho, embora tenha pleno conhecimento dos regulamentos levíticos, ainda assim se aproxima de Jesus. Isso teria exigido uma coragem audaciosa. A fé do leproso em Jesus é absoluta, e ele reconhece que as curas de Jesus não são realizadas para a glória pública ou que Jesus poderia ser manipulado de alguma forma. Jesus traz um reino que não é deste mundo em cada palavra, cada ação, cada milagre que Ele oferece. O leproso, suplicando de joelhos, curvando-se (como a Antífona de Entrada nos exortou a fazer na semana passada), aceita qualquer julgamento que flua dos lábios sagrados de Jesus. Sua fé lhe diz que em Jesus um futuro é possível. Será que vivemos como se um futuro além de nossas mais profundas imaginações fosse possível a partir das palavras e ações do Filho de Deus vivo, Jesus, o Cristo?

A missão inteira da vida terrena de Jesus é a Cruz. Frequentemente, nós O ouvimos dizer que Sua hora ainda não chegou; Ele frequentemente também tenta impedir que os outros alardeiem o que Ele fez por eles, pois estão perdendo o ponto crucial. Jesus veio para pagar o salário do pecado com a perfeita oferta do pecado, por meio de Seu sofrimento e morte. Para entrar em Sua glória, Ele sofreu e morreu. Nós também, meus queridos irmãos e irmãs, somos chamados a seguir este mesmo caminho. Como São Paulo diz aos Romanos, “*e se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, se com Ele sofremos, também com Ele sejamos glorificados*”.

Jesus não curou todo mundo, pois este não é o caminho para a salvação. O caminho para a salvação é a derrota do pecado e da morte, que é dada por meio de Jesus. Aprender a viver para Cristo no mundo exige escolhas astutas e perseverança santa, em resposta aos sussurros do Espírito Santo.

O leproso foi até Jesus, expondo abertamente sua doença, buscando a cura e sem perder a esperança. Nesta Quaresma, vamos nos aproximar de Jesus, colocar-nos em Suas mãos, abraçando Seu caminho através do sofrimento e da morte para a vida eterna e a glória. Esta tradução da Palavra nos diz que Jesus sentiu pena do leproso. No original Grego é muito mais forte, pois ensina que, em Sua porção mais íntima (Seu coração, pulmões, fígado e rins), Ele se comoveu. Ele se comoveu com a fé, com o sofrimento, com a dignidade de Seu irmão, a quem veio salvar.

Caro amigo Cristão, a ternura de Jesus excede qualquer medida humana. São Damião de Molokai viveu uma vida transformada nesta ternura inabalável. A Quaresma é o momento de descobrir novamente a ternura de Jesus, que é o poder que nos purifica e nos torna verdadeira e plenamente humanos. Evitaremos Jesus nesta Quaresma ou nos aproximaremos Dele, como o leproso, com confiança e admitindo nossa necessidade de Sua glória celestial?

***** Capítulo 8 *****

A leitura do profeta Joel tem sido rezada pelos Cristãos no início da Quaresma há mais de 1500 anos. Estas palavras convocam toda a comunidade, desde os anciãos até os bebês de peito, a se voltarem para o Senhor de forma nova.

Joel nos exorta a ter um coração quebrantado e não vestes rasgadas. No Domingo passado, ouvimos em Levítico que os leprosos deveriam usar roupas rasgadas, um sinal visível de doença. Joel está ensinando que o Senhor está realmente olhando mais profundamente do que uma roupa rasgada. Ele está olhando mais profundamente do que qualquer peça de roupa, seja ela rica ou pobre; Ele está olhando mais profundamente do que todas as aparências: *“Voltai para mim com todo o vosso coração, com jejuns, lágrimas e gemidos; rasgai os corações, e não as vestes”*.

Vemos no Evangelho que Jesus continua com essa mudança interior necessária. A esmola deve ser dada a partir de um coração que chora pelo sofrimento dos outros; o doador da esmola se preocupa primeiramente com o outro, está tão esquecido de si mesmo, que não consegue distinguir o que possui em cada uma de suas mãos. E assim a graça do Senhor está tecendo uma vestimenta interior de compaixão verdadeiramente altruísta.

A pessoa que ora ao Senhor sem chamar a atenção para si mesma em público descobre o Senhor trabalhando dentro dela, sua vontade está sendo unida à vontade purificadora do Senhor; mais uma vez, ela está dando as boas-vindas à obra do Senhor, que está criando uma vestimenta interior de percepção daquilo que é santo.

Quem verdadeiramente jejua ao Senhor com sabedoria se surpreende com a alegria de negar algum alimento corporal, pois assim o Pai pode vestir Seu amado com uma veste interior de maturidade física e espiritual. Sua alma está sendo alimentada com o que é imperecível. Devemos nos vestir com uma veste interior de santidade. Nosso coração deve ser quebrantado.

Assim como o Senhor é vitorioso, assim como Ele ressuscitou dos mortos, devemos, pois, nos voltar para Ele. Mas como nos voltamos para Ele? Jesus nos dá a esmola, a oração e o jejum. Cada um destes é capaz de quebrar corações egocêntricos e meramente sentimentais, corações de pedra, como o profeta Ezequiel nos descreve. O coração humano, criado primeiramente para o amor divino, criado

para o Senhor, deve ser libertado de todos os apegos escravizadores. Queridos irmãos e irmãs, desde os mais velhos até os bebês de peito, devemos ser extremamente astutos ao reconhecer quais são nossos apegos escravizadores. Para os Cristãos, chamados a se tornarem a bondade de Deus, como São Paulo ensina na leitura de hoje, os corações devem ser libertados daquilo que só leva ao pó, à morte. Estamos ouvindo as palavras do Senhor?

Nosso Deus, Jesus Cristo, ressuscitou dos mortos. A morte e o pecado foram derrotados. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém pode chegar ao Pai a não ser por Ele, como Jesus ensina explicitamente no Evangelho de São João. No batismo, cada um de nós recebeu a graça de Deus, a vida ressuscitada de Jesus. São Paulo nos ensina a não negligenciar a graça de Deus. Na Confissão, na Confirmação, no Matrimônio, na Eucaristia, na Unção dos Enfermos, na Ordem Sagrada, ou seja, nos Sacramentos, recebemos graça sobre graça. Não negligenciemos estes presentes inestimáveis do Céu, presentes conquistados por meio da ternura ilimitada de Jesus, que sofreu e morreu por cada um de nós.

“Voltai para mim com todo o vosso coração, com jejuns, lágrimas e gemidos; rasgai os corações, e não as vestes”. Em breve, cada um de nós será adornado com um sinal externo de profundo arrependimento interior. Que as cinzas abençoadas façam nosso coração cair em si.

Sem arrependimento contínuo, sem escolhas assíduas, astutas e santas, nunca permitiremos que o Senhor quebre nosso coração ferido e sorrateiro. Mas se nos arrependermos, se dissermos sim ao Seu convite silencioso, mas requintado, então Ele revelará Sua ternura, Sua compaixão, Sua graciosidade, como ensina o Profeta Joel. Ele tecerá em cada um de nós a necessária vestimenta interior da salvação.

Somos o povo escolhido do Senhor, conquistado por Seu precioso Sangue, portanto, voltemos a Ele. Vivamos vidas que reflitam quem realmente somos: os mais afortunados, os mais abençoados, a luz do mundo para todos. Somos pó, mas em Jesus, este pó é chamado à Sua glória.

Volte-se para Ele e viva.

***** Capítulo 9 *****

Estamos no início da Quaresma. As leituras nos levam ao início das alianças de Deus conosco. Estas alianças apontam especialmente para os Sacramentos do Matrimônio e do Batismo. Veremos que elas encontram seu significado e poder no sacrifício de Jesus na Cruz, a Cruz de madeira. Começamos a Quaresma olhando para a Cruz, que é como deve ser. Começemos bem. Vamos começar bem!

O Evangelho descreve Jesus, no deserto, sendo tentado por Satanás e derrotando-o. O nome deserto aponta para a devastação do pecado que assolou a criação de Deus, após a Queda de Adão e Eva. Satanás, antes da Queda, encontrou Adão e Eva no Éden, um jardim paradisíaco; um lugar onde Adão havia dado nome a todos os animais selvagens; um lugar onde Adão e Eva e seus descendentes poderiam ter vivido por séculos e séculos, em sublime harmonia, até a assunção de todos os filhos do Senhor sem pecados à luz imutável do Céu. Isso não aconteceu. Adão e Eva sucumbiram às tentações de Satanás: procuraram possuir o que não era deles; deleitaram-se com a aparência de algo que era proibido; e, com orgulho, agarraram-se à impossibilidade de igualdade com o Senhor eterno. O Pecado Original havia ocorrido, as graças originais que lhes foram concedidas haviam sido destruídas.

É oportuno que a Antífona da Comunhão para este Primeiro Domingo da Quaresma também nos leve à tentação e à vitória de Jesus no deserto sobre Satanás, só que desta vez tirada do Evangelho de São Mateus. Lemos a resposta de Jesus a Satanás: *“Nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra*

que sai da boca de Deus”. No deserto, Jesus derrota o controle que Satanás tinha sobre a humanidade por meio do histórico Pecado Original de Adão e Eva, no qual toda a humanidade nasceu. A esperança surgiu.

As Escrituras prontamente confirmam a realidade do Pecado Original. O profeta Jeremias diz: *“Enganoso é o coração acima de todas as coisas, e gravemente enfermo; quem o poderá compreender?”*. Salmo 51: *“Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe”*. São Paulo aos Coríntios: *“Porque, como em Adão, todos morrem”*. Aqui está o dilema: como o Céu pode ser aberto novamente para nós? Quem pode tirar a culpa e a punição do Pecado Original e de todos os pecados pessoais? Como isso também pode acontecer? Como a graça pode fluir novamente do Céu?

São Pedro, em sua Carta, ensina que o dilúvio é um tipo de Batismo. Por meio do dilúvio em Gênesis, o Senhor purificou Seu mundo do mal humano, por um tempo, pelo poder da água; mas, também, foi a água que levou a Arca de madeira para a nova aliança com a criação. A aliança com Noé foi um novo começo, mas ainda assim a ferida do Pecado Original permaneceu no coração de Noé e de sua família. É o Sacramento do Batismo que destroi a ferida do Pecado Original, por meio do sofrimento e da morte de Jesus Cristo por nós, pois Ele é o Filho eterno, a perfeita oferta pelo pecado. Este Sacramento também confere a glória ressuscitada de Jesus. Assim como as águas do dilúvio destruíram temporariamente o mal humano e apoiaram a chegada da nova aliança, as águas sagradas do Batismo destroem a culpa do pecado e da morte, e trazem a vida do Céu já agora.

A Arca de madeira, na verdade, aponta para a Cruz de madeira. Da mesma forma que a Arca de madeira não é destruída pelas poderosas águas do dilúvio, a Cruz de madeira também não é destruída pelo poder do pecado. Assim como a Arca de madeira se eleva acima das águas e se estabelece para trazer nova vida à Terra, a Cruz de madeira é o caminho pelo qual o Filho ressuscita dos mortos para trazer vida do Céu. A Arca de madeira evita a morte e leva a uma nova vida, mas a Cruz de madeira de Jesus Cristo, uma arca maior, derrota a morte e o pecado e leva à vida eterna. As águas do dilúvio realmente encontram seu significado mais profundo nas águas sagradas do Batismo.

A aliança original entre Adão e Eva, como marido e mulher, também é cumprida por Cristo. Onde Adão, o noivo, falhou em proteger sua esposa, Eva, da tentação, não dando a vida por sua noiva, Jesus, depois de derrotar Satanás no deserto, estabelece Sua vitória final na Cruz de madeira. Pois na Cruz de madeira, o novo Adão, Jesus, dará Sua vida, sem pecado, por Sua Noiva, Sua Igreja santa e imaculada; antes de ressuscitar para nos vestir com uma veste nupcial imperecível. O casamento Cristão deve grande parte de sua santidade ao Noivo, Jesus, que sacrificou Sua vida por Sua Noiva, nós.

Compreender corretamente o poder do Batismo e do Matrimônio aponta para o sacrifício de Jesus na Cruz, que é a Eucaristia. Todos os Sacramentos decorrem do sacrifício na Cruz de madeira. Nosso propósito na Quaresma é entrar no poder da Cruz: a Boa Nova da Cruz - a destruição do mal e da escravidão do pecado, e a promessa de vida eterna. Para entrar nesses mistérios profundos e inesgotáveis, Jesus é claro: *“Chegou a hora e o Reino está próximo. Arrependam-se e creiam na Boa Nova”*.

***** Capítulo 10 *****

Por graça de Jesus, os Dez Mandamentos devem ser vividos com alegria. No Evangelho de São Mateus, Jesus declara: *“Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas; não vim para aboli-los, mas para cumpri-los. Em verdade vos digo que até que o céu e a terra passem, nem um iota, nem um*

ponto, passará da Lei, até que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no Reino dos Céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos Céus. Pois eu lhes digo que, se a justiça de vocês não for superior à dos escribas e fariseus, vocês nunca entrarão no Reino dos Céus". Esta passagem enfatiza a necessidade da graça de Jesus para viver de fato os Mandamentos.

A lei moral, compreendida nos Dez Mandamentos, é obrigatória para toda a humanidade. A moralidade diz respeito a como escolhemos viver em relação ao Senhor imutável e uns com os outros. A vida humana é moral, escolhemos o que fazer por meio da razão e depois o transformamos em realidade. Uma sociedade que, sem discernimento, é influenciada pelas emoções, altamente individualista e propensa a distrações persistentes, demonstrará ignorância em relação ao dom da razão. Onde vamos buscar o conteúdo de nossa formação moral? Como praticar o raciocínio com o Senhor? Como criaturas amadas do Senhor, que experimentam sentimentos e emoções e que possuem razão e vontade, dependemos do ensino moral e da graça do Senhor para direcionar as potências que Ele nos deu para o fim adequado. Quão correto está o Salmista quando nos recorda *"a lei do Senhor é perfeita, ela reaviva a alma. O mandamento do Senhor é claro, traz luz aos olhos"*.

Quando, por amor, o Senhor nosso Deus nos fez à Sua imagem e semelhança, é, primeiramente, nos dons espirituais do raciocínio intelectual e da vontade que compartilhamos de Seu Ser eterno. A razão abre a porta para conhecermos e compreendermos o Senhor e Sua criação, e nossa vontade nos permite expressar esse conhecimento em atos que refletem nossa dignidade dada por Deus. A razão e a vontade estão no centro da alma racional humana e foram dadas para nos conduzir ao Senhor.

A criação de Adão na Capela Sistina não se refere à sua criação física; não, Michelangelo está retratando o momento em que Adão recebe sua alma racional e os dons da razão e da vontade; ele se torna uma pessoa humana. Deus toca Adão e Adão sabe que é um homem e sabe que está em um relacionamento com o Senhor; e por sua vontade, vendo a grandeza do Senhor, ele pode escolher adorar o Senhor. Adão é livre para desejar que esse relacionamento floresça ou não, como nós.

A moralidade está enraizada na justiça, pois a justiça se refere a relacionamentos: nosso relacionamento com o Senhor, conosco mesmos e uns com os outros. No início de todos os Prefácios da Missa, o sacerdote diz: *"Na Verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo o lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso"*. Como o Senhor deu e sustenta toda a vida, é injusto não honrar o Senhor com os primeiros frutos de nossa vida. Nosso intelecto, criado por Ele, encontra seu primeiro e último propósito na reflexão sobre Deus; nosso corpo, santificado pela Encarnação, precisa ser honrado e nunca tratado como mero objeto. E nossas almas, nossas almas racionais, precisam ser mantidas puras na graça de Jesus: aqui o Sacramento da Reconciliação é vital e alimentado pela frequência semanal à Santa Missa. Jesus deseja dar a Si mesmo, Sua graça, para que possamos viver os Mandamentos de dentro para fora, em Sua graça, em Sua justiça e em alegria.

Mais tarde, no Evangelho de São Mateus, Jesus levará os Mandamentos a um novo nível, ouça Suas grandes palavras: *"Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal. Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes"; (...)* *"Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo: todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher já adulterou com ela em seu coração"*. Jesus está revelando a necessidade de sua graça para a santa moralidade, para a santa justiça, para a alegria humana.

No Evangelho de hoje, Jesus ensina que é em seu próprio Corpo, por meio de seu Espírito, que a pessoa humana recebe a graça. Viver corretamente para o Senhor exige não apenas o cumprimento

externo dos Mandamentos - *“pois eu vos digo que, se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos céus”* - mas viver como alguém cujas emoções, sentimentos, razão, intelecto e vontade foram e continuam sendo purificados pela graça de Jesus. Nesta Quaresma, que possamos remover os animais e os vendilhões de nossas vidas e nos alimentar da graça de Jesus, que flui de Seu sacrifício, para que possamos amar o Senhor e nossos irmãos na justiça. Jesus ordena isso.

***** Capítulo 11 *****

A Oração de Abertura (ou Coleta) pede a Deus que nos alimente interiormente por Sua palavra e que torne pura a nossa visão espiritual, para que possamos nos alegrar em ver a glória de Deus. Ao irmos à Missa, reconhecemos que um evento de poder celestial está prestes a se desenrolar diante de nossos sentidos, diante de nossas almas. Na Missa, as leituras e orações, as orações de consagração, a Santa Comunhão, todos estes elementos têm como objetivo a nossa santificação: alimentar-nos interiormente pela Palavra de Deus e tornar pura a nossa visão espiritual. Será que conseguimos compreender isto?

No Evangelho, Jesus revela Sua divindade eterna aos Santos Pedro, Tiago e João. A Transfiguração é um evento de luz, mas que tipo de luz? Na Transfiguração, o Pai anuncia Seu amor por Jesus; na Transfiguração, o Espírito Santo cobre os Apóstolos com uma sombra, assim como o Espírito Santo cobriu a Virgem Maria na Encarnação. O Espírito Santo está alimentando os Apóstolos interiormente com a Palavra eterna; o Espírito Santo está purificando a visão espiritual deles.

Em toda missa, o sacerdote elevará o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo. Ali, nas mãos consagradas do sacerdote, erguidos bem alto, como na montanha da Transfiguração, estão o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de Jesus Cristo. Das mãos indignas do sacerdote, raios de luz celestial descerão em cascata deste santuário e encherão toda a Igreja. Neste momento, nesse evento celestial, o Espírito Santo, como na Transfiguração para os Apóstolos, cobrirá cada um de nós, e o Pai se deleitará com todos aqueles que ouvirem Seu Filho, que consentirem de todo o coração em serem alimentados interiormente pela Palavra de Deus, para que sua visão espiritual seja santificada. Será que compreendemos isto?

A Missa é o evento em que Deus, o Pai, que nem mesmo poupou Seu Filho por nós, irá nos oferecer, no Espírito, de nos alimentar com a Palavra do Seu Filho e purificar nossa visão espiritual. Deus dá primeiro. Ele, a Luz imutável, está disposto a nos dar Seu Filho, sob o que parece ser apenas um humilde pão e vinho. O Senhor eterno é tão grande que se entrega a nós desta forma, colocando-se em nossas mãos, em nossas línguas. Esta total vulnerabilidade revela quem é Deus, dado por nós. A confiança que o Senhor tem em nós é sempre esperançosa. Será que estamos prontos para nos sentarmos eretos e declararmos diante do Senhor nossa necessidade de sermos alimentados interiormente pelas glórias do Céu, de termos nossa visão espiritual santificada?

A luz que os Apóstolos veem é a luz que proclama o amor eterno do Filho pelo Pai no Espírito, pois isto é o Céu: o Céu é a vida da Trindade, o Amor é comunhão. E está aberto a todos os que foram profundamente alimentados pela Palavra e cuja visão espiritual foi lavada de forma verdadeiramente pura. E este trabalho começa agora para cada um de nós. É o coração da Missa, é pelo que rezamos. Ser Católico é primeiro receber a luz do Céu, ser Santo, e depois viver de maneira tão santa que outros sejam trazidos a essa luz pelo testemunho de nossas vidas, por nossa caridade.

Jesus é o amor do Pai no Espírito. A luz da Transfiguração canta com a alegria da humildade, pois amar exige humildade. Para amar o outro, é necessário servir ao que é realmente bom para o outro. Eu vim para servir. Sim, a luz da Transfiguração revela o amor eterno do Filho pelo Pai, mas também o revela a nós, pois Ele quer nos alimentar interiormente com Sua palavra, Ele tem sede de purificar nossa visão espiritual. Jesus quer nos levar à comunhão com o Céu aqui em Whetstone. Ser Católico é, em primeiro lugar, ser elevado e exaltado - a luz do Senhor é eterna - e, depois, devemos viver esta luz com os outros e para os outros.

Os Apóstolos estão assustados. Eles nunca viram uma luz com tanto poder, beleza, amor e glória. Nossa tradução da palavra Grega *kalon*, falada por São Pedro, é *maravilhoso*. Porém, é correto também traduzir *kalon* como *belo*, uma beleza que flui de um bem interior. Assim, a luz da Transfiguração, que revela Quem é Jesus, é purificadora, é uma luz que alimenta interiormente. Exige que os Apóstolos, e nós, sejamos transformados pelo Senhor.

Os Apóstolos recebem esta dádiva da melhor maneira possível. Está além de tudo o que existe na criação. Em cada Missa, a presença de Jesus no Altar, dada a nós, está além de tudo na criação. São Pedro, nos dias importantes que se seguiram, negará Jesus. Isso mostra que, para se tornar santo, é necessário um esforço consciente para viver de tal forma que peça ao Senhor que nos alimente interiormente, que purifique nossa visão espiritual. São Pedro, com o tempo, consentirá em ser totalmente transformado pelo Senhor. Abraão também não se esconde da prova para se tornar santo, para se tornar uma bênção para todas as nações da Terra. Viemos à Missa para sermos alimentados interiormente, para sermos purificados espiritualmente pelo Senhor. *“Vocês são a luz do mundo. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus”*.

***** Capítulo 12 *****

“O Filho do Homem deve ser levantado como Moisés levantou a serpente no deserto”. Esta passagem encontra seu significado pleno em Jesus Cristo.

A referência a Moisés levantando a serpente nos leva ao Livro de Números, o quarto livro dos cinco primeiros do Antigo Testamento, chamado de Torá, a Lei, tradicionalmente associado à autoria de Moisés. A esta altura da vida dos Israelitas, eles foram libertados da escravidão do Faraó pela liderança do grande Moisés, com grandes sinais do Senhor: as Dez Pragas, a abertura do Mar Vermelho. Mas, ainda assim, os Israelitas gemem e reclamam, e até querem voltar à escravidão do Egito, e clamam: *“Por que nos fizeste sair do Egito para morrermos no deserto? Pois não há comida nem água, e estamos fartos desta comida miserável”*. Portanto, claramente havia algum alimento. Seus contínuos gemidos contra o Senhor, sua falta de confiança e idolatria - adoração de falsos deuses - precisavam ser julgados e responsabilizados.

Um pai bom e sábio sempre corrige seus filhos, pois fomos criados para entender, rejeitar o mal e escolher o bem. E então ele oferecerá cura, um caminho para a intimidade, para a comunhão. Este é o cerne da Primeira Leitura: apesar das terríveis escolhas do Seu povo, o Pai os responsabilizará, e a nós também, na verdade, e então sempre oferecerá reconciliação, um caminho a seguir. Vemos isso em toda a Bíblia e em nossas leituras durante a Quaresma.

Quando Adão e Eva pecaram livremente, Deus julgou com justiça e, então, abriu um caminho para uma nova vida, pois o Senhor profetizou um tempo em que uma mãe e seu Filho derrotariam o maligno que derrotou Adão e Eva. Após o dilúvio, punição justa para uma família humana incorrigível, o Senhor ofereceu uma nova aliança a toda a Sua criação. E depois de uma longa

provação e do crescimento da fé de Abraão (onde Abraão estava preparado para sacrificar seu único filho), o Senhor concedeu uma bênção a toda a família humana que compartilhava da fé de Abraão.

E nesta semana o Evangelho nos lembra da punição de Israel por sua contínua falta de fé, pois o Senhor envia serpentes flamejantes para castigar Seu povo teimoso e de coração duro. Então, para a cura deles, o Senhor ordena a Moisés que *“faça uma serpente flamejante e coloque-a em uma haste; e todo aquele que for mordido, ao vê-la, viverá”*. Então Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou em uma haste; e se uma serpente mordesse alguém, este olharia para a serpente de bronze e viveria. Então, por que a serpente? Ao olhar para a serpente, os Israelitas teriam sido confrontados com seu pecado, sua rebelião contra Deus.

Ao verdadeiramente reconhecerem seu pecado diante do Senhor, a porta para a contrição, da qual a cura pode fluir, seria aberta. O reconhecimento humilde e a contrição abrem a porta para o perdão, a paz e a maturidade. No Evangelho, Jesus relaciona esta elevação da serpente, esta elevação de um sinal do pecado deles, com a elevação de Si mesmo na Cruz. Pois quando olhamos para a Cruz, vemos que o nosso pecado, todo pecado humano, colocou o único Filho de Deus lá em cima, por nós. Olhar para a Cruz é reconhecer nosso pecado e, em contrição, em arrependimento, abrimos nossa alma para receber o perdão Divino de Jesus que flui tão livremente de Seu Corpo, uma das razões pelas quais a imagem da Divina Misericórdia é tão gloriosa. A luz do perdão se derrama. Jesus veio para morrer por nossos pecados, para oferecer reconciliação com Deus e uns com os outros. Ele deve ser aceito.

Ao longo da história da salvação, o Senhor enviou homens e mulheres para serem Sua boca, por meio de palavras e ações. O Senhor também profetiza a vinda de Seu Filho. Moisés profetiza Aquele que será a verdadeira Palavra de Deus. E em Isaías, lemos sobre o Servo Sofredor, o salvador que *“será exaltado e elevado, e será muitíssimo engrandecido”*.

Sabemos, pelas Sagradas Escrituras, e pela ciência, que nosso universo foi criado do nada, que começou no início dos tempos. Assim, somos compelidos a perguntar por Quem, Quem são Aqueles que existiam antes do tempo, portanto, sem começo ou fim, e que encheram Seu universo com uma ordem inimaginável, uma beleza inimaginável? A imensidão da afirmação Cristã é que este Eterno, o Verbo, nasceu de Maria em um estábulo. Aquele que é “EU SOU O QUE SOU”, como o Senhor disse a Moisés, é Jesus. Totalmente Deus, totalmente homem.

De fato, o Pai nunca deixa de reunir Seus filhos para participarem de Sua vida familiar, a Trindade. Ele envia Seu Filho: Amor encarnado, Luz encarnada, Verdade encarnada. Não se trata de um simples cordeiro, pois somente Deus pode expiar todo o pecado. E assim Ele o faz. Olhe para a Cruz, olhe para Ele, não veja apenas o salário de nosso pecado, não veja a condenação, mas veja a graça fluindo de Seu lado aberto, para nos tornar a obra de arte de Deus.

Alegrem-se profundamente!

***** Capítulo 13 *****

O derramamento de sangue é um sinal do sofrimento e da morte que expia o pecado sobre a Terra. Estes sacrifícios encontram seu cumprimento em Jesus na Cruz. Isto nos ensina sobre a seriedade e a santidade da vida de Deus. Um remédio físico para um pecado físico. Quando escolhemos pecar, efetivamente escolhemos a morte e, portanto, é necessário que haja uma morte para nos restaurar à Vida. O caminho para o Céu é inseparável de nossa vida física, somos alma e corpo.

Mas Jeremias também fala de uma Nova Aliança, a única vez em que ela é mencionada no Antigo Testamento. Ele fala do Senhor realmente escrevendo Sua Lei em nosso coração. O profeta Ezequiel profetiza: *“Dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e a obedecer fielmente às minhas ordenanças”*. Estamos nos afastando de uma circuncisão externa, física, para uma circuncisão do coração.

Somente o Espírito Santo é capaz de derramar nos corações humanos a glória ressuscitada e a expiação conquistada por Jesus Cristo para toda a humanidade. Jesus é o Cordeiro de Deus, não um mero animal. Seu Sangue é de uma preciosidade incomparável, é o Sangue da vida eterna. Jesus é o grão de trigo que ao cair no chão e morrer, sendo retirado da Cruz e sepultado, produziu uma colheita para todos os homens. A leitura de Hebreus fala de como Jesus se tornou a perfeita oferta pelo pecado por meio de Seu sofrimento e morte, por meio do derramamento expiatório de Seu Sangue.

Sim, o coração pode ser, como Jeremias ensina, enganoso, desesperadamente corrupto. No entanto, a nova e eterna aliança realizada no Sangue do Filho cumpre a profecia de Jeremias: *“Perdoarei a vossa iniquidade e nunca mais me lembrarei de seus pecados”*. O Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de Cristo, que recebemos na Missa, expiaram nossos pecados e levam o humilde Cristão a ser curado no coração. A Oração Eucarística III diz: *“Concedei que, alimentando-nos com o Corpo e o Sangue de vosso Filho, repletos do Espírito Santo, nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito”*. Quão importante foi o derramamento de Seu precioso Sangue? Quão importante é agora receber Seu Santo Corpo e Sangue na Missa? É realmente uma questão de coração.

“Enganoso é o coração acima de todas as coisas, e gravemente enfermo; quem o poderá compreender? Eu sou o Senhor que sonda o coração e examina a mente, para recompensar a cada um de acordo com a sua conduta, de acordo com as suas obras”.

Nestas palavras, Jeremias ensina que o coração humano está ferido e também que o julgamento do Senhor vai se focar nos nossos corações. Isto é assustador, pois nossos corações, biblicamente entendidos como o centro de nossas emoções e raciocínio, são frequentemente discordantes. Uma pessoa que está crescendo em verdade e sabedoria admitirá prontamente que seu coração é o ponto de encontro de motivações conflitantes. Por isso, respiramos com um pouco de apreensão quando ouvimos essas palavras de advertência de Jeremias: que o Senhor nos julgará pelo nosso coração.

Na leitura de hoje, também de Jeremias, aprendemos que o desafio do coração humano tem estado por muito tempo à frente na procura do Senhor por nós. O Senhor estendeu Sua Mão divina repetidas vezes por meio da criação de alianças conosco. Uma aliança chama ambas as partes a uma integridade inabalável; e Jeremias se refere especificamente à aliança feita ao pé do Monte Sinai, antes de Moisés subir à montanha para receber os 10 Mandamentos escritos na pedra.

Na formação dessa aliança, desse vínculo familiar, lemos em Êxodo: *“Moisés pôs a metade do sangue dos animais em bacias, e derramou a outra metade sobre o altar. Depois, tomou o livro da aliança e o leu ao povo, que respondeu ‘Faremos tudo o que o Senhor disse e seremos obedientes’. E Moisés pegou o sangue para aspergir o povo com ele, dizendo: ‘Eis o sangue da aliança que o Senhor fez convosco, conforme tudo o que foi dito’”*.

O sacrifício de animais e o derramamento de sangue, estranhos à nossa sensibilidade, são parte integrante de um ritual de aliança. O sangue é visto como portador de vida. Também significa que, se quebrarmos a aliança, o que aconteceu com esse animal acontecerá conosco. O sangue foi derramado nas alianças com Noé, com Abraão, na refeição da Páscoa antes do Êxodo, com Moisés, com os reis Davi e Salomão no Templo, na festa anual do *Yom Kippur*, o Dia da Expição, e finalmente na Cruz, sendo Jesus o sacrifício.

***** Capítulo 14 *****

Um tema central no Domingo de Ramos é a humildade de Jesus.

São Paulo diz aos Filipenses que o estado de Jesus era divino e faz referência à Sua igualdade com Deus. O Credo confirma o que São Paulo acabara de dizer, que Jesus é “Deus de Deus, consubstancial ao Pai”. Jesus, na narrativa da Paixão, também declara Sua divindade: *“Eu SOU, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Poderoso e vindo com as nuvens do Céu”*. Jesus, aqui, está se referindo explicitamente ao profeta Daniel, onde lemos: *“E eis que vinha nas nuvens do Céu um como o filho do homem; e dirigiu-se aos Anciãos de Dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem”*.

A resposta imediata e as ações do sumo sacerdote confirmam que Jesus acabara de se declarar Deus, e o sacerdote diz: *“Que necessidade temos ainda de testemunhas? Vocês ouviram a blasfêmia”*. (...) *“E todos deram o veredicto: ele merecia morrer”*.

Jesus é Deus. Jesus é Rei, como lemos em Daniel. Quando vemos como o Rei profetizado se comporta, é então que começamos a entender um pouco da humildade de Jesus. Mas há mais, pois a humildade é a essência de Deus, a essência da Trindade.

Deus, o Pai, ao enviar Seu Filho, inclina-se até nós em humildade. Deus, o eterno Espírito Santo, ao cobrir a Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria e ao aparecer na forma de uma pomba no Batismo de Jesus, respira humildade. E Jesus, o Filho eterno em nossa carne, é, como escreve São Paulo, *“mais humilde ainda, até ao aceitar a morte, e morte de cruz”*. Deus é, em essência, humilde. Mas, é claro, porque o Amor é humilde. O amor é a oferta de si mesmo ao outro para o seu verdadeiro bem. O amor não é, em essência, um conjunto de sentimentos mutáveis, mas serviço, compromisso e integridade oferecidos ao outro. As palavras e ações de Jesus são o Amor encarnado. Tudo o que Ele é e faz é para nós. Humildade em carne humana.

As Escrituras profetizaram a vinda do Rei em um humilde jumentinho. Na Primeira Leitura do Evangelho de São Marcos, Jesus inicia Sua subida a Jerusalém a partir do Monte das Oliveiras; Zacarias profetiza que o Messias entrará em Jerusalém a partir do Monte das Oliveiras. Antes de chegar a Jerusalém, Jesus manda que seus discípulos lhe tragam um jumentinho. Em Zacarias, também lemos: *“Grita em alta voz, ó filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti; triunfante e vitorioso é ele, humilde e montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho de jumenta”*. Em Gênesis, nas últimas palavras de Jacó a seus filhos sobre o Messias, lemos novamente sobre um jumentinho, *“e a ele será a obediência dos povos. Atando o seu jumentinho à videira, e o filho da sua jumenta à videira seleta”*. Lembre-se das palavras de Jesus - *“Eu sou a videira, vós sois os ramos”* - Jesus, a Videira, se liga à Sua missão por meio de um humilde jumentinho.

Jesus entra em Jerusalém em um humilde jumentinho, Sua entrada não é a entrada militar de um soberano terreno. O Salmo 20 canta: *“Uns confiam em carros ou cavalos, mas nós confiamos no nome de nosso Senhor, nosso Deus”*. Jesus entra em Jerusalém regozijando-se com os judeus e outras pessoas das cidades vizinhas de Jerusalém. Ele não busca a aprovação de homens nomeados ou dignitários reais. O Salmo 146 canta: *“não confieis em príncipes, em mortais, em quem não há ajuda”*. Jesus, o Rei, entra em Jerusalém com júbilo, em paz e em humildade.

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”. Essas palavras do Salmo 22 não expressam de forma alguma um momento de angústia existencial divina, um momento de separação do Pai: Jesus declara que *“o Pai e eu somos um”*, e não pode haver uma ruptura, um hiato na verdade eterna de que Deus, a Trindade, é amor, é comunhão. Em vez disso, é outro vislumbre da humildade divina.

Aqui, Jesus, com tanta humildade, entra na realidade de cada homem e mulher que jamais experimentará o desamparo total, pois somente Ele pode derrotar o desespero e a escuridão, através da pura maravilha de Sua humildade divina de morrer por nós e depois ressuscitar vitorioso. A profecia de Zacarias é tão verdadeira: *“Eis que o teu rei vem a ti; triunfante e vitorioso é ele, humilde e montado num jumentinho”*.

Há uma pessoa que se destaca na narrativa da Paixão, cujo coração, antes partido, foi totalmente transformado pela humildade e pelo amor vitorioso de Jesus. Ela o unge, e Jesus, que vê o coração de todos, a elogia epicamente. Muitos dizem que ela não é outra senão a nossa padroeira, Santa Maria Madalena. Que a humilde majestade do Rei penetre também em nossos corações, de modo que O unjamos na maneira como praticamos e vivemos a fé.

Nesta Semana Santa, será que buscaremos a humildade para segui-Lo?

***** Chapter 15 *****

“Ele gritou em alta voz: ‘Lázaro, vem pra fora!’. O morto saiu com as mãos e os pés enfaixados e o rosto envolto em um pano. Jesus lhes disse: ‘Desamarrai-o e deixai-o ir’”. Esta descrição da ressurreição de Lázaro por Jesus, testemunhada por Marta e Maria – que a venerável tradição nos diz ser Santa Maria Madalena – e pelos discípulos, dá-nos um exemplo do que muitos esperavam quando Jesus falou de Sua própria ressurreição dos mortos.

Todos aqueles que Jesus ressuscitou dos mortos – o filho da viúva de Naim, a filha de Jairo e Lázaro – teriam todos posteriormente morrido novamente. É provável que os discípulos de Jesus e aqueles que, como Santa Maria Madalena, que se tornaram tão profundamente devotados a Ele, esperassem que a Sua volta dos mortos também estivesse finalmente sujeita às leis da natureza, que a volta de Jesus dos mortos não seria para sempre.

Quando Santa Maria Madalena visita o sepulcro, e vemos como ela está ansiosa para chegar ao Corpo de Jesus, pois ela vai assim que o Sábado chega ao fim – ainda estava escuro e ela esperava encontrar Seu Corpo morto. No Evangelho de São Marcos, ela vem com especiarias para ungir Seu cadáver. Vemos que Santa Maria Madalena ainda não tinha uma compreensão real do que poderia significar a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Porém, ninguém então tinha ou poderia ter.

Naquele momento, seu coração ainda não havia sido despertado para o poder absolutamente incrível e eterno que é a Ressurreição. Nunca mais Jesus morrerá. Se cada um de nós realmente vivesse no poder da Ressurreição, será que escolheríamos de forma diferente? Foi preciso que Jesus, no Evangelho de São João, chamasse Maria pelo nome antes que ela percebesse que Ele havia ressuscitado. Num estado de alegria e de amor superabundante, ela grita “Rabboni”, que significa Mestre, e tenta tocá-Lo. Mas Jesus quer que Maria Madalena aprenda que Ele está, agora, mais do que nunca, verdadeiramente destinado ao Céu, onde a humanidade será glorificada por toda a eternidade por meio Dele.

Mais cedo, Santa Maria Madalena apressou-se em dizer aos Santos Pedro e João que o túmulo estava vazio. Ao chegarem ao sepulcro vazio, eles notam como os panos de linho estão no túmulo. O texto grego, ao descrever os panos que envolviam o Seu Corpo, dá a impressão de que Ele acaba de sair deles, deixando-os agora planos, esvaziados. Eles são deixados na posição onde Seu Corpo morto estava, antes de Sua Ressurreição milagrosa.

A Ressurreição de Jesus transfigurou o Seu corpo mortal anterior, imbuindo-o de poderes que até então não havia sido revelado. Ele agora também é capaz de atravessar paredes, como lemos no

Evangelho de São João, portanto, atravessar esses lençóis não seria nenhum desafio. Este novo esplendor celestial que adorna a Sua presença é, em parte, a razão pela qual as pessoas não O reconhecem até que Ele toque as suas almas, os seus corações. Foi o que aconteceu com Santa Maria Madalena e também com os discípulos que se dirigiam para Emaús, longe de Jerusalém, mesmo depois de terem ouvido falar que o túmulo estava vazio. Ele anseia que cada um de nós tenha uma fé verdadeiramente focada e atenta no esplendor totalmente ressuscitado do Filho de Deus.

A Ressurreição de Jesus, embora esteja totalmente enraizada, não faz sentido, a menos que compreendamos que é a Sua vitória sobre o nosso pecado. Tudo o que é mau, tudo o que causa divisão, demonstrou ser realmente impotente em comparação com o amor vitorioso de Deus. O Cristianismo é a verdadeira religião, pois o Céu literalmente desceu à terra, e Deus, a Trindade, envia então o Espírito Santo para recriar almas humildes e obedientes para o Céu. A Ressurreição não é apenas o evento histórico de um homem ressuscitando dentre os mortos. É a vitória sobre o nosso pecado que liberta a humanidade da decadência eterna.

São Paulo, que experimentou Jesus Ressuscitado, depois de ter sido anteriormente um cruel perseguidor dos Cristãos, ensina agora com tanta paixão que devemos morrer com Cristo, para viver no Céu. Quando os Santos Pedro e João chegam ao túmulo e entram, observe que é São João quem crê. São João, o mais contemplativo e visionário de todos os Discípulos. E São Pedro, que poucos dias antes havia negado Jesus e, portanto, pecado contra o seu Senhor, começa verdadeiramente a compreender por que Jesus teve que morrer. Pois nos Atos dos Apóstolos, São Pedro proclama agora como eles comeram com o Senhor Ressuscitado e que somente aceitando o perdão de Jesus pelos nossos pecados herdaremos o poder salvador de Deus. Santa Maria Madalena foi libertada de sete demônios por Jesus antes de Sua Crucificação. Agora Ressuscitado, ela percebe que sua libertação veio da glória eterna do Céu, aberta a ela por seu Senhor, Salvador e amigo Ressuscitado. Como cada um de nós viverá para Jesus Ressuscitado que morreu de uma vez pelo pecado e agora Ressuscitou?

FIM